TL 1210

SUB-COMISSÃO PARA A PROTECÇÃO DAS MINORIAS E CONTRA A DISCRIMINAÇÃO

TIMOR-LESTE

Ponto 10 - Administração da justiça e direitos humanos dos presos

Eu sou Isabel Miranda Branco, viúva de um combatente contra a ocupação de Timor-Leste pela Indonésia, de nome António Bosco Lobato.

O meu falecido marido foi capturado em Março de 1979, em Alas, quando ele se encontrava muito doente. Após a sua captura, os soldados indonésios levaram-no para Soibada, sua terra natal, com a intenção de levar os seus companheiros de luta e familiares a renderem-se. Como não conseguiram alcançar o objectivo, os militares indonésios meteram-no num helicóptero a pontapés, de regresso à prisão de Alas, apesar de ele se encontrar muito fraco e mal poder andar.

O António Lobato foi barbaramente assassinado em Alas. No meio dos interrogatórios, os soldados indonésios trespassaram-lhe o peito com dois arames de aço. O sangue jorrava como se houvesse torneiras naquele corpo flácido de tanto espancamento e doenças. Mas, como se isto não bastasse, ainda colocaram um soldado em cada ponta dos arames, puxando-os de trás para a frente e vice-versa, para torturar o corpo. Como os militares não conseguiram obter informações, mesmo com a tortura, meteram-no no helicóptero e atiraram-no ao solo. Depois, acabaram de o matar à coronhada.

A minha sogra e os meus cunhados mais novos foram capturados pelos militares de Jacarta, também em Março de 1979, em Soibada. Levaram-nos para Alas, depois para o monte Maubere, em Laclúbar. Aí, os soldados indonésios abriram uma vala para os fuzilar. Quando os soldados lhes apontaram as armas, a minha sogra num gesto maternal e desesperado, com o medo estampado no rosto, abriu os braços aos gritos, como se fosse um escudo para proteger a filha Madalena, de 20 anos, e os filhos José Lobato e Titino Lobato, de 10 e 8 anos, das balas indonésias. Nem mesmo assim os corações de pedra daqueles militares indonésios se condoeram, pois as armas foram disparadas e os corpos caíram para a mesma vala, no monte Maubere em Laclúbar.

Em Junho de 1979, os militares indonésios foram buscar a minha cunhada e marido a sua casa, em Ossú, a fim de os levar para Viqueque, para o Comando Militar indonésio. Os seus filhos, de 5, 3 e 2 anos choravam desesperadamente ao verem os pais levados sob prisão. Foi então um militar acalmá-los, dizendo que os seus pais regressariam no dia seguinte. Até hoje.

Essa minha cunhada chamava-se Mariazinha Lobato e estava grávida de sete meses, do seu quarto filho. Os indonésios mataram-na a caminho de Viqueque, desventraram-na, retiraram-lhe o feto e atiraram-no fora.

O meu irmão, Francisco Miranda Branco, de 41 anos, casado, pai de sete filhos todos menores, foi detido e preso aquando do massacre de 12 de Novembro de 1991, em Santa Cruz, Dili. A sua esposa, que era funcionária pública, foi de imediato destituída após a sua detenção. Esta é uma prática habitual dos indonésios em Timor: quando os maridos são presos, as esposas são destituídas das funções se ocuparem cargos públicos, além da confiscação de todos os seus bens.

O meu irmão foi julgado e sentenciado com 15 anos de prisão, e desterrado para Jacarta com outros sete companheiros também presos em 12 de Novembro de 1991. Soubemos que o meu irmão e os seus companheiros já não estão na capital indonésia. Assim, pergunto à representação indonésia: onde está o Francisco Miranda Branco e os seus sete companheiros? Em que ilha? Será que ainda estão vivos?

Perante toda esta situação, o meu velho pai de 75 anos, vive angustiado em Lisboa por não saber nada do meu irmão, nem ao menos do seu paradeiro.

O meu primo Adelino Corte Real, de 30 anos, agricultor, nascido e residente em Same, desapareceu em Novembro de 1992 quando os soldados de Jacarta fizeram buscas nas cidades e nas vilas. A minha tia, também viúva por causa da guerra, portanto vítima da ocupação, andou à procura do seu filho, já há vários meses, mas, infelizmente, ainda não o encontrou. Deste modo, pergunto de novo à Indonésia: onde está o meu primo Adelino Corte Real? Será que está nalguma vala comum?

O meu outro primo, Acácio Tilman, de 32 anos, casado, três filhos menores, foi capturado em Novembro de 1992, antes da captura do nosso muito querido Comandante Xanana Gusmão. Os militares indonésios em Dili espancaram-no e cortaram-lhe uma orelha para tentar obter informações que eles pretendiam. Muitos dos meus irmãos timorenses já foram sujeitos a torturas idênticas.

Não estou aqui só para falar das pessoas da minha família, mas também dos meus conhecidos, porque eles estão presos e as suas vozes não chegam a esta Assembleia. Assim, começo por falar da Olandina Caeiro Alves, de 39 anos, solteira, natural de Ermera e residente em Comoro, Dili, funcionária da Estatística da Indonésia. Ela foi detida pelas TNI em Dili, e presa na cadeia da Comarca de Dili, em Novembro de 1992. Na altura da sua prisão, os soldados javaneses partiram-lhe as duas pernas. Esta informação foi fornecida por uma pessoa da sua família, no dia 21 de Maio de 1993. A Olandina já foi libertada mas as deficiências físicas ficaram com ela para sempre.

Em 26 de Novembro de 1992, foi detido, em Jacarta, pelas TNI Oscar Lima, de 36 anos, natural de Ermera e residente em Balide - Dili. Empresário da construção civil, Oscar é primo da Olandina Caeiro Alves. Os soldados indonésios levaram-no para Timor-Leste, sob

prisão, em 29 de Novembro de 1992, onde se encontra preso na cadeia da Comarca de Dili. Não se sabe a data do seu julgamento e actualmente nada mais sabemos dele.

Também se encontram nas prisões, o enfermeiro Victor Viegas, de 47 anos, residente em Manatuto, e a sua filha Odete da Silva Viegas, solteira, de 25 anos, estudante na capital indonésia. Esta foi detida e presa em Jacarta, em Novembro de 1992, e depois transferida para Timor-Leste. Nada mais se sabe desta jovem e do seu pai.

Constâncio Sanches, de 51 anos, natural de Baucau e residente em Dili, ex-sargento do Exército português, casado e pai de 5 filhos, foi preso em 1992, meses depois da tentativa de visita do barco Lusitânia Expresso. Não sabemos quando será julgado, nem sequer onde se encontra preso.

Para além destes casos que eu citei, muitos outros timorenses estão presos em Timor-Leste, em Jacarta, ou noutras ilhas indonésias.

Finalmente, eu ainda tenho irmãos e familiares em Timor-Leste, espero que esta minha intervenção não venha a causar-lhes problemas.

Muito obrigada.

Isabel Miranda Branco

Genebra, Agosto de 1993.